

NÃO pode O GAIATO passar em silêncio sobre o acontecimento que polarizou o mundo nestes dias. Não porque saibamos de adjectivo que o qualifique adequadamente e por isso o citamos na sua realidade substantiva. Nem temos comentários a acrescentar à prolixidade deles nos órgãos da Comunicação Social.

O que nos impõe a palavra é a convicção de que, se em tantas outras oportunidades se não fez, não pode agora adiar-se um universal e profundo exame de consciência ao modo como, na Humanidade evoluída que constituímos, os homens se tratam uns aos outros.

O carácter primário latente no homem, mesmo parecendo um vulcão extinto, pode

Notas do tempo

em qualquer momento entrar em actividade por uma faísca de emoção, senão, pior, pelo rastilho de uma paixão. Desde Caim e Abel... ao longo do tempo histórico, foi este o princípio: «Olho por olho, dente por dente». Agora diz-se retaliação...

O homem é um ser misterioso e difícil. Dois mil anos de Evangelho não lograram ainda decidi-lo a procurar sinceramente as raízes motivadoras dos seus comportamentos, mergulhem elas na sua própria alma ou no seio da sociedade de que cada um é obreiro. O mundo que se apresenta pleno

de recursos que deveriam fazer a suficiência e a satisfação de todos os homens, está impregnado de inVerdade e inJustiça que corrompem e inviabilizam essas metas ao seu alcance, mercê também do engenho do próprio homem.

InVerdade — Quem não proclama a paz e se não diz defensor dela? Com que lógica, se a corrida aos armamentos é uma prática crescente e alargada a cada vez mais países e ninguém produz senão para consumir ou colocar o produto? Por isso a realidade é oposta ao discurso: Os que dizem paz, fomentam guerras ou arrastam-nas para que as armas sejam trocadas por valores que fariam a abastança de povos cujos chefes as alienam.

A profecia de Amós hoje lida é, infelizmente, de uma actualidade flagrante: A exploração dos fracos é uma constante reveladora da inJustiça que campeia no mundo. Por isso os Pobres, cada vez mais e mais pobres e os poderosos cada vez mais ricos. A paixão da riqueza, o endeusamento do dinheiro é um vírus circulante no tecido social de toda a Humanidade que a define e mata. Não dá que pensar que o acontecimento que polarizou o mundo nestes dias,

tenha alvejado exactamente o centro e símbolo do império económico e financeiro que esmaga os fracos e cresce o poder dos detentores da riqueza? Pois não terão as mãos limpas aqueles que atiraram a pedra, ao contrário dos denunciadores da adúltera a quem Jesus entregou a condenação da mulher e eles que as não tinham limpas, não executaram a sentença! Serão também eles cultivadores da inVerdade e fautores de inJustiças. Mas nem por isso o seu acto perde significado e impacto que leve a um profundo e universal exame de consciências.

E também, talvez não seja exacto o nosso conceito de terrorismo como acção avulsa, transitória. Não será terrorismo, e estruturado, a causa «da morte de 35.615 crianças nos países mais pobres do Planeta no mesmo dia 11 de Setembro»? (J.N. de 22/Set.). E aquele velhinho esquelético que em Malanje me ciciou: «fome», como suspiro final da sua vida? E aquelas crianças sem alento de vida que, em Malanje, nos apareciam sugando o peito esgotado das mães, tão esfomeadas quanto elas? Não poderemos chamar terrorismo a estas realidades num mundo orgulhoso das suas tecnologias de ponta? O mesmo mundo impregnado de inVerdade e inJustiça que reclama dos homens um urgente e profundo exame de consciência.

Padre Carlos

MOMENTOS

O «Fáfá»

— **V**ENHA ver como limpei a Capela! Venha ver! Olhe que está tão limpinha! Venha daí!

Era o «Fáfá» de volta de mim.

Agarrou-me no braço e arrastou-me para a Capela.

— Olhe como está bem varridinha!

O rapaz tinha mesmo necessidade do meu estímulos.

— Sim, senhor, está muito bem. Como Nosso Senhor deve ter gostado do amor que puseste na tua obrigação!

Depois ajoelhei. Era a força do momento. Tão lindo e tão saboroso!

— Obrigado, Senhor, por este consolo.

«É consolando que se é consolado», disse o experiente Francisco de Assis e eu consolava-me consolando o «Fáfá». Tão bom!

Está nos catorze anos este pequeno, a entrar na pré-adolescência.

Cara redonda enfeitada com maçãs de rosto vivas e rosadas, olhos castanhos e um cabelo loiro extraordinariamente belo, dão-lhe um aspecto muito simpático.

De feito brincalhão tem tido umas esbarradelas demasiado caras.

É da obrigação do refeitório.

A sala de jantar dos mais pequenos liga com a maior por uma entrada larga de três degraus.

Não foi o «Fáfá» despejar o detergente concentrado, com que se devia lavar as duas salas, todo nos degraus!?

— Era para a malta escorregar e cair! — explica ele desfazendo-se em gargalhadas.

Só que o detergente queimou os degraus de mármore, manchou-os e o castanho da cor ficou esbranquiçado.

«Fáfá», desgostoso, não sabia o que fazer à vida. Vem ter comigo ao outro dia. Que já tinha lavado «aquilo» com sabão e até com lixívia e o branco não saía.

— Estou farto de esfregar com uma escova e nada.

— Lava só com água. Muita água, muitas vezes ao dia — recomendei-lhe.

Mesmo assim, depois de tanto sofrer, ainda lá continuam mais disfarçadas, é certo, as nódoas alvacentas.

Mas o pior surgiu noutra momento.

O pequeno encontrou, não sabemos bem como, uma embalagem de diminutos tinteiros e foi experimentar um, na parede, frente ao refeitório, que está pintada de branco.

A tinta é um azul vivo. Caiu da janela num fio largo e o borrão ficou indistigável. Ele ainda tentou limpar o que pôde, logo que se apercebeu.

Mas qual o quê?! Quanto mais limpava mais sujava.

A opinião pública reagiu, sim, que na Casa do Gaiato também vive este fenómeno cultural — a qual apontou o dedo ao nosso refeitório apanhado com o empacotamento dos tinteiros.

«Fáfá» estremeceu, mas acabou por confessar e lá ficou, de novo, a lavar nas

horas de recreio outra arreliadora mascarra.

No sábado, da parte da tarde, passou o tempo a lavar com um pano e água. Lavava, lavava, voltava a olhar para sentir a diferença e continuava a tarefa. O mais bonito que os meus olhos presenciaram foi a

Continua na página 3

TRIBUNA DE COIMBRA

Histórias do nosso viver



O «Bonguinha» estende a mão. A senhora tenta consolá-lo. Mas em vão. São as saudades da mãe!

● Ontem, Domingo, estivemos na celebração das «bodas de prata» matrimoniais do Elísio que foi nosso até casar. Foi e continua nosso ali, numa aldeia, p'ros lados de Arganil.

A celebração foi integrada na Eucaristia dominical a que presidimos. À Missa ajudaram os dois filhos que têm, ambos rapazes já espigados nos seus dezoito e vinte e três anos, envergando, como o fazem habitualmente ao Domingo, as suas túnicas de acólito, sem respeitos humanos. A meio da celebração faltou-nos o pão para a celebração da Eucaristia. Soube mais tarde que já no dia do seu casamento acontecera o mesmo com o Padre Horácio... Serviu de pão eucarístico, na falta do ázimo, o pão alvo que a Glória cozera no dia anterior para a festa. Na altura da Comunhão do Corpo do Senhor, comungaram d'Ele, nós, eles e os próprios filhos. No final da Acção de Graças fizeram a renovação dos seus compromissos matrimoniais com grande serenidade e simplicidade. Demos os parabéns e seguimos para casa deles onde tinham preparado um rico almoço que ofereceram a todos, familiares e amigos mais próximos. Eram, praticamente tudo, produtos da casa agrícola humilde que sustentam no dia-a-dia: as galinhas da canja, as rês da chanfana, o pão, a boroa e o tinto. No final demos graças mais uma vez ao Senhor pelo dom que foi, para eles e para nós, o Padre Américo que, como tão sabiamente nos lembrava a Palavra da Escritura nesse dia, recusou sempre servir a Deus e ao dinheiro, recomendando: «É preciso pôr Deus no seu lugar!»

● Agora, o Sila. Vinte e dois anos! Veio para nós pequenino. Cresceu no meio de muitas dificuldades e tormentas. Apesar de tudo conseguiu, com êxito, fazer o sexto ano de escolaridade, a obrigatória para os nascidos no seu ano. Era um rapaz humilde, sempre pronto para fazer, até os

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

POBRES — Em um dos últimos fins-de-semana, na companhia doutro samaritano, visitámos a mãe e os seus três filhos já aqui referidos. Os meninos estão lindos!

Havia assuntos para melhor clarificar o problema da família, na medida em que a mãe fora funcionária a contrato, antes do parto; porque é viúva, mãe de três filhos que precisam de companhia boa parte do dia; está desempregada, etc. Questões de interesse no meio da inflação legislativa em vigor. Todavia, a Segurança Social não concede grandes abonos de família aos três meninos!

Entretanto, houve que pôr as crianças num infantário, perto de casa, pela mão da mãe, com suficientes disponibilidades para transportes de ida e volta — e tudo o mais — de conta dos Leitores.

Enfim, procuramos suprir carências — que não são poucas! — e dar força anímica à pobre viúva para aguentar a sua cruz.

A título de curiosidade, o nosso País tinha em 1960 «a mais alta natalidade da Europa»; em 1999, esteve abaixo da média e foi uma das sete nações com menor natalidade».

Outro aspecto, em matéria de Pobreza: Ainda somos campeões da União Europeia!

«O relatório da Comissão Europeia sobre Coesão Económica e Social, da própria União, recentemente divulgado, refere que mesmo com a chuva de milhões chegados desde 1988 ao nosso País, cerca de um quarto da população tem um rendimento inferior a 60% da média nacional e 12% dos portugueses são considerados Pobres persistentes ou de longa duração».

Na liderança e de parceria conosco no actual clube dos Quinze, a Grécia tem 10% da população no grupo de Pobres mais persistentes.

VOZ DO PAPA — Excerto da mensagem aos Migrantes:

«A Igreja na sua actividade pastoral procura ter constantemente presentes os graves problemas das migrações. O anúncio do Evangelho vai directo à Salvação do homem, à sua autêntica e efectiva libertação, mediante a realização de condições apropriadas à sua dignidade. O conhecimento do homem, que a Igreja adquiriu em Cristo, impele-a a anunciar os direitos humanos fundamentais e a fazer sentir a sua voz quando eles são violados. Ela,

porém, não se cansa de afirmar e defender a dignidade da pessoa, pondo a descoberto os direitos irrenunciáveis de dela brotam. Esses são, em particular, o direito a ter uma pátria própria, a viver livremente no próprio País, a conviver com a própria família, a dispor dos bens necessários para uma vida digna, a conservar e a desenvolver o próprio património étnico, cultural e logístico, a professar livremente a própria religião, a ser reconhecido e tratado em qualquer circunstância em conformidade com a dignidade própria do ser humano.

Estes direitos encontram uma correcta aplicação no conceito de bem-comum universal. Isso abrange toda a família dos povos, acima de todo o egoísmo nacionalista. É neste contexto que se considera o direito de emigrar...»

PARTILHA — Para a «família que tem sofrido com a doença incurável do pai», donativos dos assinantes 4728, de Lisboa; 21903, Casal Maior (Lanheses); e 35019, da Capital.

Vale postal, da assinante 22070, Póvoa de Santo Adrião, destinado à mãe dos «três gémeos, ora sem o marido para ganhar o pão de cada dia».

Bunheiro (Murtosa): cheque da assinante 46039, destinado «a mais um ano lectivo dum estudante pobre».

Outro, de Via Longa, assinante 68556, para «a família que tinha recebido um irmão doente e precisa de tratamento».

Assinante 31254, de Fiães (Feira), «dez mil, da mensalidade de Setembro. Gostaria que fosse para medicamentos dum velhinho. Uma gota no oceano das necessidades». É curioso o pensamento no topo da carta, que pertence a Kasantzak: «Pedi à amendoeira que me falasse de Deus e a amendoeira cobriu-se de flores».

Três mil, do assinante 71104, Canelas (Estarreja), «por graça obtida». Assinante 13862, do Porto, cheque d'euros. «Pequena ajuda» do casal-assinante 3107, da Capital. Três mil, de Serra da Boa Viagem — Figueira da Foz.

Nove mil, de velha Amiga, de Santo Tirso. Porto: Dois mil, da assinante 29565, «por graça recebida». Outro cheque, do assinante 37270, do Porto. Custóias: Dez mil, do assinante 64183 com um «abraço amigo» que retribuimos. Assinante 25507, também do Porto, idem, por suas intenções. Mais idem, da assinante 57056, Senhora da Hora, «para o que entenderem». Póvoa de Varzim: «Depois da catástrofe mundial, de ontem», cheque da assinante 35016. «Faz-nos bem ler O GAIATO cheio de amor e de renúncias» — disse. «Mais uma migalhinha» das assinantes 27307 e 49610, de Leiria. No topo da missiva: «Bom dia! Em cada sorriso que espelho, eu planto uma esperança».

Autor: R. Scheneider. Assinante 34220, Lavadores (V. N. Gaia), com «trinta mil, para os Pobres — e não é preciso agradecer», acentua. Tem as

contas d'O GAIATO em dia. Leitora, da Capital, mais um cheque para «acudirmos às urgentes necessidades — e peça anonimato». Cumprimos. Cinco mil, do assinante 40859, S. João da Madeira. Três vezes mais, da assinante 14493, do Porto, «contribuição de mês de Setembro».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PADRE ACÍLIO — Por ter sido eleito responsável da Obra da Rua, veio para a nossa Casa de Paço de Sousa. Vindo de Setúbal, o nosso Padre Acílio é amigo, compreensivo e escutamos com atenção, tentando dar-nos o que há de melhor.

MUDANÇAS — Chegou a época da mudança de faxinas, de trabalho e de casas.

Alguns rapazes irão enfrentar novos desafios, tarefas, e conviver ainda mais de perto com os colegas.

AULAS — Recomeçaram as aulas. Os nossos rapazes seguem agora entusiasmados para o novo ano lectivo que se aproxima, lutando para obter bons resultados e, um dia mais tarde, se sentirem realizados com um certo orgulho.

«Almeidinha»

DESPORTO — Acabaram as férias. Oxalá que cada um

TOJAL

AULAS — Começaram para todo o pessoal!

Esperamos que, este ano, entremos com o pé direito para que, no fim do ano lectivo, possamos superar as dificuldades que nos vão aparecendo.

SAUDADES — O «Honório» partiu para Angola. Rapaz da Casa do Gaiato de Benguela, veio a Portugal para tratar da saúde e já recuperou. Esperamos que tudo corra bem para ele e, principalmente, para a sua saúde. Foi bom estarmos com ele, pois vamos ter muitas saudades.

SALAS DE ESTUDO — Foram mudadas as secretárias das salas de estudo, que já se encontravam bastante danificadas. Falta-nos explicadores(as)!

Se alguém estiver disponível a partilhar conosco as suas capacidades, agradecemos a disponibilidade.



Em cima: Todo o Grupo, ouvindo atentamente as palavras de abertura da época. Em baixo: Uma perspectiva do primeiro treino.

tenha pensado e repensado no trabalho que tem pela frente, sobretudo respeitando o seu lugar próprio. Desde o atleta que treina e não é convocado, ao mais responsável do Grupo Desportivo, todos temos a obrigação de desenvolver um trabalho sério, com muita garra e determinação, mas essencialmente com muita humildade para que possamos vencer dentro e fora do campo, ao longo de toda esta temporada que agora começa. A unidade de critérios bem como a total isenção em todas as decisões que tenham que ser tomadas, cai bem no seio do Grupo, para além de cimentar melhor a ligação entre todos os elementos. O diálogo, no sentido construtivo, é a via mais correcta de resolver os problemas.

Antes do começo do treino, o responsável do Grupo, em exercício, teve uma palavra de boas-vindas, anunciando a nova temporada: «Como

podem ver, estamos todos juntos, sinal de que somos um Grupo só». Eu também partilho da mesma ideia. Faço votos para que durante a época, estas palavras sejam concretizadas. O calor humano durante os jogos, quer dos mais novos aos mais velhos e vice-versa, dá outro alento e parece que as forças redobram.

Nas férias, houve uma euforia de sangue novo e outro renovado. Por critérios de idades (...) foram apresentados os novos reforços em cada um dos escalões. Saíram os Iniciados para os Séniores: António Sérgio, Hugo, «Truta», Serafim, «Teco», «Cebolinha» e Ricardinho. Este último, ninguém dava nada por ele (futebolisticamente falando), quando começou a sua regularidade nos Iniciados. Hoje, vai fazer falta ao escalão de onde saiu. Cumpre bem o seu lugar como defesa esquerdo e não tinha boca nem ouvidos. Tinha

pés e cabeça para cumprir, e bem, a sua obrigação. Mas, enfim, as idades (...) assim obrigam!

Para o escalão de Iniciados, também apareceram reforços!... O Rogério que jogava no escalão superior sem ter a respectiva idade, por exemplo.

Vamos começar a trabalhar. Espero que tenhamos consciência daquilo que nos traz nestas andanças. Mesmo que pareça uma brincadeira, não deixa de ter a sua quota-parte de formação. Ocupar os rapazes, proporcionar bom ambiente e boas ocasiões de distração são alguns dos objectivos a que nos entregamos com saudável dedicação. Será bom que nos relacionemos bem uns com os outros. A indiferença não conduz ninguém a bom porto. A prática do desporto é salutar quando praticada com alegria e bom ambiente.

Alberto («Resende»)

«LUZ» — Se o Sol nasceu, para quem foi afinal?!

Sou o fruto do Sol, sou apenas a estrela mais nova perdida no universo à procura da estrela mãe.

Certo dia, já muito cansado, resolvi dar uma pousada à casa de um rapaz muito isolado. Quando lá cheguei, bati à porta, mas não se ouviam rufidos na moradia. Entretanto, muito preocupado, tentei ser um pouco brutal para poder abrir a porta.

A sorte, porém, é a minha. A casa tornara-se uma ruína perdida no universo.

Tudo porque faltou o amor!

Abílio Pequeno

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Tem-se falado muito em burocracia. Mas continuamos a prejudicar terceiros, por causa

das exigências dos senhores hurocratas.

Neste momento os nossos Amigos mais carenciados não estão a receber qualquer ajuda alimentar por causa da tal burocracia, pois teriam eles mesmos de assinar o que lhes chegaria às mãos, por nosso intermédio.

Onde já se viu tal coisa?! Então dou uma esmola a um Pobre, depois vou a correr atrás dele, a dizer: — Assine aqui! Não foi Jesus que disse: «Quando se der uma esmola, que a mão esquerda não veja o que faz a direita?!»

Quem dera que as Conferências recebessem do Banco Alimentar, um cabaz, como outras Instituições. Mesmo que fosse através do Conselho Central da Sociedade de S. Vicente de Paulo!

Há comissões fabriqueiras que os recebem sem controlo dos párocos.

Por sua vez, as Conferências têm de recorrer à compra de leite para alimentar crianças cujos pais não têm recursos.

Se essas comissões fabriqueiras recebessem os géneros e os

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

trabalhos que os outros companheiros regateavam. Trabalhou nas nossas obras por conta do empreiteiro. Abrimos-lhe uma conta no Banco, em seu nome e nosso, para ameaçar as suas economias e acautelar tentações destruidoras. Rapaz dotado de compleição física débil para o trabalho das

Pai Américo deixou escrito: «Saibamos distribuir o pão».

Continuamos com as visitas aos nossos Amigos, levando alguma ajuda, daquilo que os Leitores nos enviam.

A senhora que, para continuar a viver, faz hemodiálise, cada vez minga mais. Os braços dela estão negros de tanta picadela. Os problemas dos filhos continuam também a consumi-la. Do pouco que lhe chega às mãos, ainda tem que repartir com eles. É também problemas de droga e tudo o mais.

A senhora que vive com o filho deficiente parece que já anda mais calma, embora o rapaz continue no mesmo colégio. Mas ele também sossegou um pouco, com a paixoneta. Quando da nossa última visita, estava presente e nós evitámos falar no assunto.

No casal idoso parece que os problemas se agravavam, pois quando os visitámos, estavam ambos na cama. Ela ainda se levantou, mas ele estava entre as mantas. Os rapazes continuam a vaguear por lá. Que o Senhor se compadeça deles.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal vicentino

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

Em 16 de Setembro desloca-nos, de novo, à Senhora da Piedade de Tábuas, em Miranda do Corvo, para novo Convívio. Tudo decorreu pelo melhor. As presenças, dentro das nossas expectativas. Não faltaram as malhas, as cartas e, como dizia O GAIATO erradamente, mas acabou por resultar, o leitãozinho, pois havíamos escrito leitãozinho que não se fez. A oferta do «bicho» foi da responsabilidade do Fernando Campo-longo a quem agradecemos e deu para todos provarem, já que cada um levava o seu farnel. Não faltaram fêveras grelhadas, que o nosso Padre João levou para alguns rapazes da Casa.

Almoçámos, conversámos, demos passeios pela Serra, merendámos e retirámo-nos bem dispostos e satisfeitos já que o dia ajudou.

Agradecemos mais uma vez a disponibilidade da Comissão de Festas da localidade que nos dispensou as instalações, cada vez mais melhoradas.

Aproveitamos para felicitar o Elísio e sua mulher, que

nunca faltam aos nossos encontros, pelos seus vinte e cinco anos de casados, que acabaram de comemorar, a quem desejamos e a seus filhos, as maiores venturas para o futuro.

Sempre que se justifique, daremos notícias da nossa Associação, a cujos colegas pedimos maior adesão, já que de 232 Antigos Gaiatos inscritos, apenas cerca de oitenta respondem com alguma regularidade, embora a média anual de presenças seja de 50. Tu, que conheces ou moras ou contactas com algum, procura saber se está inscrito na Associação; e, se não, dá-nos conhecimento.

Um até breve para todos e obrigado aos que nos lêem.

Manuel dos Santos Machado

BENGUELA

ARTES MARCIAIS — No sábado passado houve graduações dos nossos rapazes para diferentes cinturões, como do branco para o amarelo, do amarelo para o laranja, ou mesmo ainda, do amarelo para o cinturão verde para quem, de verdade, foi capaz de demonstrar e convencer os *senseis* que vinham para nos examinar naquele grande dia de teste. A graduação teve lugar no recinto do «Estrela Clube 1.º de Maio», mesmo aqui em Benguela.

POCILGAS — Já não temos porcos em nossa Casa! A peste suína voltou a bater-nos à porta e encontrou-nos desprevenidos e levou-os consigo. Fazem muita falta, em nossa Casa, não só para o consumo como também para ocupar toda a gente.

VACAS — Estão a produzir muito pouco leite. As que produziam o normal foram roubadas quando o nosso Padre Manuel chegou de férias.

INSTRUMENTOS MUSICAIS — Os rapazes andam à volta do nosso Padre Manuel para ele comprar instrumentos musicais. Gostamos de cantar, dançar e tocar. Gostávamos de um órgão, mesmo pequenino; e outros instrumentos, também. Como estamos muito longe, pedimos que os entreguem nalguma Casa do Gaiato, em Portugal, que, depois, chegarão à nossa. Muito obrigado!

Tony Severo

CAMPO — Semeámos batata e já estamos a comê-la. Nos anos anteriores tivemos boas sementeiras. Mas, esta dará para o nosso consumo e para vender, se Deus quiser,

obras, arranjámos-lhe trabalho em Coimbra numa empresa de utilidades domésticas. Ali foi experimentado, acabando por merecer confiança e carinho por parte dos seus patrões e restantes colegas. Parecia tudo correr bem e... aparece a mãe. Um grande «namoro»... Gente «sabidona». Soube da conta bancária, que já ultrapassava umas centenas de contos amealhados com sacrifício e vigilância; percebeu a sua grande dependência afectiva e quem como uma mãe para o perceber!?... Ultrapassou tudo e todos. Foi o descalabro. Nem nós, nem colegas, nem patrões; ninguém conseguiu movê-lo. Foi à sua conta bancária e sumiu-se com a mãe. Quando o soubemos era tarde demais.

Histórias do nosso viver, onde a alegria e o sofrimento são uma constante invariável.

Padre João

MOÇAMBIQUE

para fazermos o dinheiro que gastámos na sementeira. O calor deste clima não deixa guardar a batata para muito tarde, porque apodrece.

HORTALIÇA — Temos também um bocado de couves, o que já é muito bom para o acompanhamento na sopa e no conduto.

MILHO — Estamos a preparar uma parte do terreno para se poder fazer a sementeira do milho que é muito necessário. Muita gente vem pedir fuba e com a gente que aqui trabalha e os filhos, não há comida que chegue. Então há necessidade de mais esta sementeira, pois muitas vezes temos de comprar toneladas de milho e de farinha.

Agostinho G. Diniz

DESPORTO — Realizámos um jogo que não terminou pela confusão que houve. Infelizmente perdemos por 2-1. Foi uma grande desilusão! Poderia levar-nos ao título. Mas ainda faltam dois jogos e vamos a ver se, desta vez, a coisa correrá melhor.

OBRAS — O grande sonho chegou ao fim. O polivalente está pronto, bonito e agradável. Os rapazes, contentes, já lá foram praticar basquetebol para manifestarem o contentamento que lhes vai na alma. Agora, vamos esperar pelo dia da inauguração e o nosso Padre Manuel advertiu que preparásemos equipas de basquetebol, andebol, futebol de salão, voleibol, etc.

Também o nosso campo de futebol estará em obras, e esperamos que as façam como a gente gosta.

OFERTAS — Já agora quero aproveitar para falar um pouco dos nossos Amigos. As obras do polivalente, parque infantil e campo de futebol são sonhos do nosso Padre Manuel. Mas como não somos ricos, apenas temos o suficiente para nos aguentarmos, seria preciso que alguém nos desse a mão na realização destes sonhos. E assim aconteceu! Ouviram falar de nós e vieram conhecer um pouco do projecto da Casa do Gaiato, da vida da Casa, e decidiram ajudar-nos. Estes Amigos são os homens que trabalham na grande riqueza de Angola — o petróleo. Muito obrigado a todos eles.

EQUIPAMENTOS — Agora, faltam equipamentos; calções, camisolas, sapatilhas. Como não os podem mandar directamente, estamos muito longe, pedimos o favor serem entregues nas Casas do Gaiato em Portugal, com a indicação da Casa do Gaiato de Benguela.

M.S.A.

POCILGA E AVIÁRIO

— A nova pocilga está quase concluída. Paredes e telhado estão prontos. Só faltam os acabamentos interiores. Está tão boa que mais parece uma residência do que uma construção para porcos! Como estão lembrados, o ano passado perdemos mais de duzentos porcos com a peste suína, uma doença terrível, e, por isso, teve que ser tudo feito de novo.

Ao lado da pocilga estão em construção mais dois blocos, um para poedeiras, outro para a criação de frangos. Mais abaixo um pouco, já tem as paredes subidas, o lugar para a preparação e conserva de carnes e legumes. Estamos todos com muita vontade de ver as obras prontas e tudo a funcionar.

Carlos Vergara

FRIO — Na semana de 11 a 16 de Setembro passámos uns dias de aperto por causa do frio. Segundo os meteorologistas isso deveu-se à mudança do Inverno para o Verão. Passámos um Inverno sem frio e parece que ele veio todo junto nestes quatro dias. Na véspera fez muito calor, mais de 36º e no dia 11 estávamos com 12º! Mas parece que o calor já está aqui de novo.

Pascoal Lopes

DOENÇA — No passado mês de Agosto surgiu uma doença, com «cara» de epidemia, que afectou quatro dos nossos meninos, dos oito aos doze anos. Numa brincadeira, um deles feriu o outro na testa. A ferida infectou e uma bactéria provocou «doença estranha». Logo a seguir apareceu outro com os mesmos sintomas e depois mais dois. Como a infecção se alastrava pela cara deles, foram internados no Hospital Central de Maputo. Chamados os professores e alunos da Faculdade de Medicina, desconheciam o caso que está a ser investigado. Entretanto, melhoraram, já voltaram para Casa e estão bem. No Posto Médico houve que fazer uma desinfecção geral.

Mas o susto já passou!

Guerane Armando

COISAS DA CASA — Dois meninos saíram da Casa no mês passado. Um deles estava há oito anos conosco, agora com dezassete, parece que quis experimentar a vida lá fora. Durante todo este tempo não entendeu o que é a vida dum gaiato. O outro que estava aqui, há dois anos, acabou por encontrar a sua família e voltou. A tia e a avó que o criavam, ficaram muito contentes quando o voltaram a ver.

Horácio Rafael

DOCTRINA



Um ano depois

DE uma vez assisti na cidade de Coimbra aos *Homens de Amanhã*, essa fita de cinema que correu em alvoroço o Mundo inteiro. Chorava-se de emoção, não tanto pelo desempenho de artistas, como pela verdade da peça. O garoto da rua passava-nos diante dos olhos tal qual é e ia direitinho ao coração fazer sangue. Um dos quadros era o levantar da *Cidade dos Rapazes*, dentro das linhas modernas de uma ousada construção. Ouvia-se o martelar de estaleiros. Guindastes, andaimes, materiais, operários, mestres a riscar — tudo passava numa síntese de luz. Padre Flannagan aparecia a rezar o breviário, a mais bela pincelada que o quadro oferecia à gente. Eu estava. A Casa do Gaiato de Coimbra tinha nascido, há pouco. O que a fita acabava de me ensinar, junto ao que eu já tinha aprendido, deram-me certezas de que o garoto do Novo Mundo é em tudo igual ao do Velho. Não era, por isso mesmo, arremedo pálido a nossa Casa do Gaiato, senão que miniatura perfeita da Cidade do Padre Flannagan. Ora as miniaturas são de ampliar.

D. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

Momentos

Continuação da página 1

ajuda do irmão. Mais pequeno e mais franzino, de rosto mais afilado e cabelo igualmente louro mas curto, o «Tatão» encorajava, confortando o mano, lavando também com o pano molhado a mesma parede.

— Já está melhor — animava docemente o irmão. Tão belo que não se descreve!

Os dois rapazinhos regalavam-se, compensando-se afectivamente numa ajuda mútua.

Padre Acílio

Antigos Gaiatos de Malanje

O NOSSO ENCONTRO — No início combinámos que os nossos encontros não poderiam interferir na vida das Casas do Gaiato, mas os nossos Padres têm quebrado este princípio convidando-nos a conviver com os rapazes. Estas visitas têm sido muito úteis porque recordamos o nosso passado e ao mesmo tempo dizemos aos rapazes que também fazemos parte da família.

Sintra acolheu o nosso encontro. Houve também uma visita à Casa do Gaiato do Tojal. Cicerone, o Padre Cristóvão.

Ofereceu-nos um livro com a história do palácio e como ele foi ter às mãos de Pai Américo: «Um monte de ruínas me tinham dado em Paço de Sousa. Um monte de ruínas me ofereciam agora».

Na Eucaristia, realizada no Tojal, Padre Cristóvão falou do

Padre Telmo é da Casa do Gaiato de Malanje com muito carinho.

Também falou dos nossos convívios e pediu aos rapazes que sigam o nosso exemplo quando, um dia, deixarem a Casa que neste momento os prepara para o futuro.

O «Laranjinha» apareceu e teve direito a muitas palmas. Foram muitos anos de separação, pois alguns já não o viam há mais de trinta anos. O mais novo fundador da Casa do Gaiato de Malanje que saiu de Paço de Sousa. Além de outros, presentes também o casal Fonseca e o filho, residentes em Luanda.

Tudo correu bem. O próximo será na casa de praia de Azurara, mas ainda sem data marcada. Quim Vieira e o filho do Nelo oportunamente darão notícias.

Agradecemos a Padre Cristóvão tamanha lição de paternidade que nos transmitiu, pela disponibilidade das instalações em Sintra e pelo almoço de Domingo junto dos rapazes.

Manuel Fernandes

PATRIMÓNIO DOS POBRES

ACUDIR

A carta que nos chegou de uma das famílias pobres que temos visitado, lembra-nos o Evangelho proclamado em Domingo recente, convidando-nos a arranjar amigos com o «vil dinheiro». Nela, a mãe de família dizia que o apoio do Património dos Pobres tem-lhe trazido «a paz e a alegria e tem comunicado à minha família toda especial ao marido para ele tem sido a melhor terapia com o entusiasmo que tem tido para reconstruir a casa, agora tenho sentido um pouco o que é ter amigos porque de todos os lados Deus me tem ajudado...».

Não alteramos nem corrigimos o português. É assim mesmo que se expressa o coração agradecido. Trazemo-lo à luz para vermos como se conquistam amigos à maneira do Evangelho. Com o que é desprezível, eles se ganham para que nos recebam nas «moradas eternas».

O Evangelho, como os Pobres, são de sempre. Embora para alguns, esta seja uma forma indigna de os ajudar a promoverem-se. Nós acreditamos que só a esmola mendigada

na caridade, alcança os frutos mais salutares e libertadores. Para quem dá e para quem recebe.

A humilhação vence o poder do dinheiro, e este torna-se um bem. De outro modo, é negociar.

Este pai de família vivia mergulhado no álcool. Toda a família se ia afundando com ele. Eis que de novo se levanta e o entusiasmo pela vida renasce em seu coração. Os frutos já a todos consolam.

Temos encontrado quem não concorde que se dê a conhecer as dificuldades dos Pobres. Simultaneamente que não se peça a esmola para eles. Que são formas indignas de tratar estes nossos irmãos. Nós vamos em frente, e antes que se proclame sobre os telhados a justiça que se lhes não fez, convidamos à fraternidade para que não haja tantos motivos para o fazer.

Afinal de contas, dar o que não é nosso, como diz o Evangelho, nem deveria ser tão custoso. Se o é, talvez o seja porque o temos como nos pertencendo. Então, cautela, porque não podemos servir a dois senhores: «Não podeis servir a Deus e ao dinheiro».

Queríamos acudir àquela mãe que nos tem telefonado, longe nos encontramos, a lembrar que os materiais para a sua casa em construção têm de ser pagos. Nós dizemos para não parar as obras, lá haveremos de chegar.

Padre Júlio

BENGUELA

A Criança tem direito ao nome dos pais

PENSO que estou no caminho certo. O sinal de alarme dado em O GAIATO, por causa dos filhos registados sem o nome do pai, encontrou eco nas instâncias oficiais. Não me lembro de ter ouvido falar no assunto, há muitos anos, a nível oficial. Quando as crianças são chamadas ao discurso de circunstância das entidades importantes, não se fala da violação flagrante deste direito que lhes assiste. Toda a criança tem direito ao nome do pai e da mãe. Julgo que a lei existe, se ainda não foi revogada. Espero que não. A mãe apanhada, muitas vezes, nas malhas da corrupção moral, tem medo de denunciar o crime cometido pelo companheiro que foge à sua responsabilidade. E o crime fica impune.

Quero ser a voz dos filhos e das mães enganadas, vergonhosamente, a protestar contra a passividade da autoridade. Começa a dar sinais do despertar? Há dias, ouvi o clamor de mulheres a queixar-se, na comunicação social, das ameaças de que são vítimas se denunciarem o progenitor do seu filho ou filha. Chamo progenitor, porque não merece o nome de pai. Causa-me pena, por outro lado, que o termo *progenitor*, em alguma legislação moderna, substitua o nome de *pai*. Porque será? *Pai* é o símbolo do amor que gera pessoas. Tem uma carga humana única. O progenitor gera crias que, muitas vezes, assume e, outras tantas, abandona. Que se cumpra a legislação. Que se divulgue este direito das crianças, sempre que se fale dos seus problemas. Têm direito a um pai e a uma mãe.

A campanha do registo gratuito das crianças, do zero aos dezassete anos, em boa hora lançada pelo Ministério da Justiça, é o tempo privilegiado para outra campanha a favor dos filhos com nome do pai no acto do registo. É

preciso lançar as mãos a todos os meios para sanar o ambiente. Deve ser agora. Não esperemos que os problemas acabem. O assunto está quente. É tempo de registo. Mais tarde será pior. É um caminho para responsabilizar e acautelar, à partida, que se multipliquem cada vez mais os crimes da geração irresponsável. É uma forma de luta contra as causas do abandono das crianças. É muito mais eficaz prevenir do que remediar. Quantos jovens habitam nas penitenciárias do país, porque não conheceram a autoridade amorosa dum

pai no seio da família. Estamos a lutar pela cura dum grande mal na raiz. É um combate travado a partir da trincheira da paz.

Podem dizer que é perder tempo fazer esta campanha. Não acredito que seja assim. Toda a sementeira de causas nobres que se faz com amor não fica morta. Há-de produzir os seus frutos. A sociedade vai crescer em responsabilidade dum forma lenta e com paciência. Sei que temos uma montanha na frente. Sei também que a subida não se faz dum só vez. É preciso começar,

caminhar e lançar para a opinião pública as ideias criadoras dum verdadeiro compromisso com uma causa que a todos diz respeito. Quem não deseja uma sociedade equilibrada, em que os direitos de cada um são respeitados? Quem se atreve a ficar indiferente perante a negação dum direito elementar das crianças? Quem pode negar que uma criança tenha o direito primário de conhecer o pai e a mãe? Que razões maiores do que este direito se podem sobrepor? Quando se diz «SIM» às crianças (estou a referir-me a

ENCONTROS EM LISBOA

O Verão terminou

É já estamos no Outono. Também as férias terminaram e o ano lectivo dá os seus passos. Entretanto, muitos acontecimentos o Verão nos trouxe, que é importante recordar, caso contrário ficarão no anonimato e não iluminam outras pessoas que se possam deixar animar e entusiasmar por eles.

Neste Verão, no espaço de um mês, presidi a três casamentos de rapazes nossos. Lá partiram para a constituição da sua nova família. Interiormente sinto-me sempre emocionado, desejando que tudo corra bem. Bastaram anos a fio em que pressentia que eles desejavam esse dia, apesar de lhe estar a ser dado o apoio necessário e de nos tornarmos a sua família adoptiva. Foi a Casa do Gaiato que lhes deu o tempo para se sentirem com forças para, com serenidade, se prepararem, escolherem a sua esposa e partirem seguros para a aventura das suas vidas. Graças a Deus!

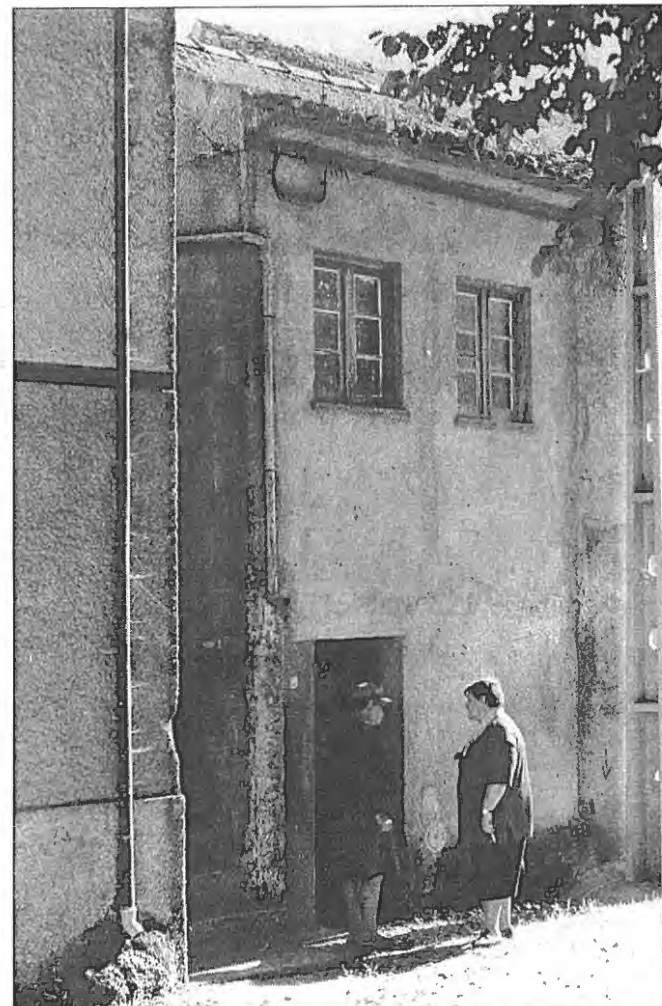
Também no Verão fomos bafejados com a ajuda de algumas pessoas voluntárias que dispuseram do seu tempo e puseram ao nosso serviço a sua sabedoria, alegria, espontaneidade. Foi um tempo de enriquecimento mútuo. Sem ferir ninguém e tendo presente que a presença dos adultos é muito importante na nossa situação, gostaria de destacar a presença de três grupos de jovens. O primeiro, pertencente à paróquia de Massamá, deu-nos grande apoio durante o mês de Julho, enquadrando os mais pequenos na sua deslocação à praia. Depois, durante o mês de Agosto, tivemos a ajuda de dois grupos de jovens vindos de diferentes partes do País, aglutinados pelas Conferências de

S. Vicente de Paulo no âmbito do «Projecto Irmão». Foram de grande generosidade, assumindo o levantar e o deitar dos mais pequenos e ajudando também ao longo de todo o dia. Sinal positivo destas passagens foi o deixarem saudades. Desejamos que continuem o seu enriquecimento interior. É assim que se modifica a sociedade, modificando estilos de vida demasiado individualistas e comodistas. O serviço dos Outros será sempre um ideal se não queremos viver numa sociedade sem coração.

A este propósito, ando com a ideia de algum dia propor a uma comunidade cristã que nos venha ajudar durante dois meses de Verão, incluindo adultos e jovens, homens e senhoras, rapazes e raparigas. Seria uma alegria ver a Igreja a cuidar do que é seu.

O início das aulas é momento de esperança. Parecia que tudo caminhava bem... Tinha os meus rapazes orientados e a saber o que faziam. Para além de todos os que frequentam a escolaridade normal, havia cinco inscritos em cursos de aprendizagem alternativa, dois com o sexto ano e três com o nono. Já por várias vezes abordei a questão dos cursos alternativos de aprendizagem como uma maneira correcta de ajudar rapazes a fazer o nono ano ou ir até ao décimo segundo, tendo ao mesmo tempo um diploma profissional. Mas, nestas coisas, quando se aperta o cinto, é o pobre que sofre imediatamente os efeitos. Agora não fugiu à regra: as medidas de poupança começaram por não abrir os cursos para este ano... Comentários para quê?

Padre Manuel Cristóvão



Os Pobres são oportunidade de Salvação; convite à fraternidade.

uma das campanhas do INAC) não estaremos a dizer que, antes de mais, as crianças têm direito ao nome do pai e da mãe? Temos que deixar de ser teóricos e descer ao terreno onde está a vida. Uma política autêntica da criança passa necessariamente pela defesa intransigente deste direito primário. Se a lei existe tudo se faça para que seja cumprida.

Não imaginais a alegria que o «Manecas», o mais pequenino, de cinco anos, sentiu quando a Teresa regressou de férias bem merecidas. É a alegria de quem está em família. O pai e a mãe são insubstituíveis no crescimento equilibrado dos filhos. Vamos continuar a lutar com muita esperança.

Padre Manuel António

CALVÁRIO

No rescaldo

NARRAM-LHE o que se está a passar no sopé da montanha. Desce e depara com o povo em arraial diante de um hezorro de ouro. À vista de todos, estilhaça as Tábuas da Lei e pulveriza o ídolo.

Se Moisés regressasse hoje ao nosso mundo, ao ver as festas em torno de alguns Santos, não sei bem o que faria.

É, de facto, algo de estonteante para os sentidos e perturbante para o espírito aquilo que se passa nalgumas festas religiosas por estes sítios.

Os Santos são apenas o pretexto para o ruído, a festança, o negócio, a deformação do religioso. De sagrado talvez e só o perfume do incenso.

É triste a profanação do sagrado. É lamentável a promiscuidade que campeia com a convivência de muita gente e que a tradição impõe.

Sem querer incriminar os mordomos, as comissões, o povo crente e seus pastores, direi apenas que existe um impressionante mau gosto em muitas práticas religiosas. E o mau gosto conduz sempre à vulgaridade e não raramente ao sacrilégio e à blasfémia.

Não me parece haver desculpa para tanto exagero e desviantes atitudes. Aliás, o mau gosto em muitas práticas religiosas é nódoa bem marcante hoje em dia.

A tradição é desculpa que se abona, mas os novos modelos e actuais comportamentos não são tradição e muito menos a saudável tradição.

Não somos melhor atendidos por Deus pelo excesso de decoração, nem pelo estrondo dos foguetes nem pela algazarra do povo cantante.

Raros percebem que a simplicidade é a melhor atitude que Deus quer do homem, do cristão.

«Sede simples» — recomenda-nos Cristo, mas raros acolhem no seu coração este pedido.

Padre Baptista